



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7971 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 20 - Psicologia da Educação

**FORMAÇÃO CONTINUADA PARA ALÉM DA PANDEMIA: IMPREVISÍVEL X INTENCIONAL SEGUNDO A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CRÍTICO-CULTURAL**

Sonia da Cunha Urt - UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Soraya Cunha Couto Vital - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**FORMAÇÃO CONTINUADA PARA ALÉM DA PANDEMIA: IMPREVISÍVEL X INTENCIONAL SEGUNDO A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CRÍTICO-CULTURAL**

Este trabalho é parte integrante de pesquisa de Doutorado em Educação, que está em andamento e analisa propostas de formação continuada de professores, considerando a formação para a emancipação humana na sociedade contemporânea. O objetivo é analisar criticamente o cenário de pandemia de COVID-19 e suas implicações à educação, mais especificamente ao contexto da formação continuada. A metodologia envolve apresentação de *post* veiculado em mídia social em agosto de 2020 e suas representações acerca da realidade professoral em tempos de coronavírus, analisando-o sobre o aporte teórico-metodológico da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica, a partir do arcabouço epistemológico do Materialismo Histórico-Dialético.

O início de 2020 trouxe o eco de notícias orientais acerca de um ser microscópico que provocava uma doença altamente contagiosa e letal: a COVID-19, proveniente do coronavírus (SARS-COV-2). Têm-se o registro na imprensa – “investigação do jornal ‘South China Morning Post’, de Hong Kong, com base em dados do governo” – de que os primeiros registros de contágio na China teriam ocorrido no dia 17 de dezembro de 2019 (UOL, 2019), mas de lá para cá os casos aumentaram vertiginosamente por diversos países da Ásia, da Europa, da África, da Oceania e das Américas. No Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, “O primeiro caso de Covid-19 [...] permanece sendo o de 26 de fevereiro” (BRASIL, 2020, s.p), e até setembro de 2020 mais de 131 mil pessoas foram a óbito em decorrência da doença.

Como consequência, as escolas fecharam imediatamente seus portões, e os professores viram-se, em um repente, sem experiências adquiridas e/ou acumuladas e formação prévia, desafiados a operar em uma “nova” conjuntura de docência. Houve mutação na relação tempo-espaço escolar, reorganização das rotinas de trabalho, interrupção nos sistemas e

práticas que norteavam os processos de ensino, aprendizagem e avaliação e exigência de recursos, conhecimentos, acesso e uso de plataformas digitais e/ou de tecnologias que pudessem proporcionar aulas remotas.

A imposição inesperada dessas circunstâncias pode ser identificada como fonte de crise à docência, porque causou tensão, medo, insegurança, dúvidas, afastamento físico e social dos alunos e trouxe à baila problemas estruturais da sociedade que também reverberaram na vida e no trabalho do professor, como desigualdades e vulnerabilidades que, apesar do esforço, dificultaram o preparo e a ministração de aulas on-line, exemplificativamente. Afinal, o universo digital está acessível a todos os professores, em termos de conhecimento, condições sociais e recursos financeiros?

Além disso, sua vida pessoal pareceu ter sido amalgamada à profissional, porque a imprevisível urgência do *home office* aparentou dificultar a desassociação entre a dimensão particular e a institucional. Por conseguinte, o sentido de polivalência, que já não era estranho ao professorado, apresentou-se ainda mais robusto na realidade determinada pela pandemia, a ponto de as mídias sociais representarem-no em *posts* divulgados em suas plataformas, como o que segue, por exemplo, que parafraseia o *marketing* relativo à agroindústria brasileira, com evidência à sua pujança, qualidade de produtos e soluções tecnológicas inovadoras que promovem a integração entre o meio rural e a economia de mercado:



L

Esse conteúdo faz pensar que, apesar de a vinda avassaladora da COVID-19 ter imposto rigorosas restrições à sociedade, há também um contexto neoliberal no qual esse processo está inserido e o professor é partícipe. Nesse contexto, a educação é entendida como uma atividade do sistema de produção não material, uma modalidade em que “o produto não se separa da produção [...], pois a produção e o consumo ocorrem ao mesmo tempo”.

Assim, por exemplo, uma aula é produzida e consumida ao mesmo tempo – produzida pelo professor e consumida pelos alunos”, mas, como acontece com o trabalho material, este também “fica subordinado ao capital comercial” (SAVIANI, 2020, s. p). Por isso, ao considerar a realidade docente em contexto de pandemia, faz-se importante perceber como a perspectiva neoliberal tem usado esse momento para romantizar a atividade professoral, descaracterizá-la e manter (ou ampliar) sua desvalorização. A partir do que está veiculado no *post* que exemplifica esta análise, considera-se o reforço do discurso da polivalência e dos superpoderes, peculiares aos super-heróis, que indicam traços de uma identidade docente a serviço da exploração mercadológica: “Professora é Agro, Professora é Tec, Professora é Top, Professora é TUDO!”.

Esse entendimento parece contribuir para um doutrinamento docente, para um conformismo, um processo de disciplinamento – “É esse, não pode ser outro, e a gente não pode pensar outra coisa. É essa ideia [...], ele se converte em uma ideologia [...]” (MIRANDA, 2018, s.p), como a explicitada no *post* do Facebook: “Professora é a indústria e a riqueza do Brasil!”

Entende-se, porém, que a ausência do pensamento crítico diante da imprevisibilidade da pandemia é decorrente do que estava posto antes da avalanche da COVID-19, relativa ao conhecimento e/ou às políticas públicas para a educação e o entendimento mais amplo dos fenômenos sociais, educacionais e culturais, o que gera compreensão conformada, marginalizada e fragmentada acerca do professor e de sua ação educativa.

Inegavelmente, a chegada do coronavírus apresentou à vida humana uma situação de anormalidade e excepcionalidade, no entanto, em contexto dialético, não se pode olvidar que

o imprevisível faz parte do movimento histórico, e que este, por vezes, traz consigo instabilidades e momentos de crise. Pode soar dramático proferir o termo crise aqui, mas rememora-se que Vygotsky utilizou-o algumas vezes. Uma delas foi no texto “A crise dos sete anos” (VYGOTSKY, 2006, p. 256), no qual considerou os ciclos de desenvolvimento humano, referindo-se especificamente à infância, afirmando que “há idades estáveis e idades caracterizadas por crises, ou seja, críticas, e que “as crises são momentos em que acontecem “bruscas mudanças e deslocamentos, modificações e rupturas [...]”.

A partir dessa percepção, da imprevisibilidade da crise, mas da constatação de sua existência, considera-se importante e oportuno (re)pensar uma outra/”nova” formação continuada docente, que possa contribuir para uma ação pedagógica transformadora, como propõe a dialética. Para que isso ocorra, a Pedagogia Histórico-Crítica e a Psicologia Histórico-Cultural consideram a importância de que haja identificação das condições de organização do ensino e da aprendizagem e como essa relação acontece no ato formativo, a fim de que proporcione o desenvolvimento dos professores.

De acordo com Saviani (1991/2009), essas condições devem pressupor o planejamento intencional de ações e saberes historicamente sistematizados, porque é à vista destes que a educação se apresenta qualitativamente diferente das maneiras informais de educação, entendidas como cotidianas e assistemáticas. O mesmo autor ainda afirma que tais ações, organizadas e com conteúdos significativos, representam um dado essencial para a formação docente, visto que na ausência desses elementos a formação torna-se vazia e, conseqüentemente, se transforma numa farsa. É nesse sentido que também tece considerações referentes à precariedade das políticas e das formas estabelecidas para a formação continuada de professores, que não configuram um padrão consistente de preparo profissional.

É por esse ângulo que Vygotsky (2001, p. 295, 299-300), ao considerar a Psicologia, a Pedagogia e o professor, concebe que a intencionalidade das ações formativas “deve levar em conta a psicologia do trabalho docente e mostrar a que leis ela está sujeita”, explicitando que “o conhecimento exato das leis da educação é, sobretudo, o que se exige do professor”, e que o autêntico professor é o que “[...] constrói seu trabalho educativo não com base na inspiração, mas no conhecimento científico. [...] a pedagogia científica deve se fundar na psicologia pedagógica científica, isto é, biossocial”.

Sobre tais premissas é que se pensa em uma formação continuada intencionalmente alicerçada nos fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica, e esta como possibilidade de não conformação, mas de impulsionamento à resistência e à orientação para organizar planos de ensino e estabelecer procedimentos que reverberem em um trabalho docente também intencionalmente histórico e crítico, não alienante.

É preciso situá-la também no contexto do capitalismo mundial e de seus impactos à educação, do qual decorre a percepção de um trabalho docente alienado, que é o estranhamento do trabalhador em relação ao executado, ao produto do trabalho realizado e a ele mesmo. Esse estranhamento corresponde ao afastamento do professorado de sua essência humana, é sua reificação, sua conversão em coisa, em mercadoria, em mão de obra fabril-produtora. É a partir dele que o professor é considerado “Agro... Tec... Top... Tudo... A indústria... do Brasil!”.

Pensa-se, porém, que o mesmo aporte teórico-metodológico pode contribuir para que, em processo formativo contínuo, o professor compreenda que os cenários da pandemia podem ser momentos críticos, de crise, mas de reaprendizado e de travessia, que redundem em humanização, criação, recriação e transformação em contexto atual e na vida pós-COVID 19.

Finalmente, compreende-se que pensar em um processo de formação continuada para além do cenário pandêmico, é considerá-lo em articulação com as problemáticas mais amplas da sociedade, o que inclui a conjuntura neoliberal brasileira, a partir do entendimento de imprevisibilidade do fenômeno, mas também da possibilidade de rupturas e transformações docentes. Para que isso ocorra, propõe-se pensá-lo segundo o pressuposto do ensino intencional do professor, sustentado por conhecimentos científicos elaborados a partir da

apropriação de um método de análise da realidade, que compreenda e perceba o real, analise-o em sua complexidade e desenvolva ações educativas que proporcionem luta a favor da superação de seus limites atuais.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Primeiro caso de Covid-19 no Brasil permanece sendo o de 26 de fevereiro**. Disponível em <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/47215-primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-fevereiro>. Acesso em 02 set. 2020.

MIRANDA, M. G. de. **Crise da democracia, neoliberalismo e educação**: o futuro da escola pública em questão. Palestra realizada em junho de 2018. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2018.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia** – teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas: Autores Associados, 1991.

\_\_\_\_\_. Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v.14, n. 40, p.143-155, jan-abr. 2009.

\_\_\_\_\_. **Ensino remoto em tempos de pandemia**: visão da Pedagogia Histórico-Crítica. Webpalestra. ADUNEB – Associação dos Docentes da Universidade do Estado da Bahia. Realizada em 07 de julho de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=egovuMOrd08>. Acesso em 07 jul. 2020.

UOL. **Primeiro contágio pelo coronavírus teria acontecido em novembro, diz jornal**. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/03/13/jornal-afirma-que-primeiro-contagio-da-covid-19-na-china-ocorreu-em-novembro.htm>

VYGOTSKI, L. S. A Psicologia e o Professor. In: VYGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Edição comentada. Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. A crise dos sete anos. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006.